



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MAIO, DE 2025 - 21H00

Sessão 41 “A TESTEMUNHA” (1985)



Filme policial, filme de acção, filme de amor, estudo de costumes, “Witness” é uma obra que reúne um pouco de tudo isso em doses que se sente não terem sido deliberadamente calculadas para o sucesso, mas que surgem com a forma e o impacto necessários para o conseguirem. O arranque é notável, ao nível do melhor “thriller”: numa estação de caminhos-de-ferro, mãe e filho esperam um comboio, cuja partida atrasou algumas horas. O miúdo vai a uma casa de banho e assiste ao assassinato de um polícia.

Mãe e filho pertencem a uma comunidade Amish, seita religiosa de origem europeia, que tem algumas poderosas bolsas de influência na América do Norte. Recusando toda a mecanização, vivendo apenas segundo

as Sagradas Escrituras, os Amish prolongam o dia-a-dia do século XVIII, em plena sociedade de consumo, passando por cima das ofertas que por todo o lado procuram cativar o gosto do consumidor.

John Book (Harrison Ford), igualmente polícia, é escolhido para investigar o crime e descobrir, através da criança, quem poderiam ser os dois homens que trouxeram a morte ao seu colega de corporação, que, enredado num caso de drogas, seguramente deveria saber demais para ser calado de forma tão drástica. As suspeitas de John Book concretizam-se rapidamente e dirigem-se, também elas, para o interior da própria instituição policial. Subitamente, investigador e testemunha deixam de se encontrar em segurança em Filadélfia e John Book resolve refugiar-se com o miúdo no seio da comunidade Amish, onde procura passar por um deles, de forma a poder defender das arremetidas dos polícias corruptos aquela testemunha incómoda. Aí surgirá uma púdica e envolvente história de amor...



Quando o filme parece lançado no ritmo vertiginoso de um “policial” de cortar à faca, introduz-se a ruptura, os movimentos lentos da câmara, passeando pelos campos de trigo, o quotidiano de uma comunidade que recusa o presente e vive no passado, e o amor nos olhos de uma mulher que a educação, a família, a vida comunitária reprimem e refreiam até ao insuportável.

Cá fora, a ameaça que se sabe crescer, que se aproxima, que irá talvez levar a morte até àquele local pacífico e trabalhador, onde nunca se usa a violência, nem mesmo para responder aos agravos e às agressões mais brutais.

Duas culturas em presença, duas formas de viver a existência, dois mundos que se tocam, se aproximam. Delicadamente, apenas num conflito íntimo e secreto, da mesma forma que mantém o “suspense” do “policial” que permanece latente. Com a fotografia esplendorosa de John Seale, e a brilhante interpretação de Harrison Ford, Kelly McGillis, Josef Sommer, Lukas Haas, Alexander Godunov, o cineasta consegue ultrapassar todas as dificuldades e lograr de uma obra adulta, original (ainda que inscrita numa longa tradição de “policial” à americana), trabalhando sobre temas tão graves quanto o podem ser o amor e a religião, o campo e a cidade, a corrupção nas instituições, o universo infantil e o mundo dos adultos, o puritanismo da vida Amish e a violência explosiva e obsessiva das grandes cidades... Tudo isto com imagens de uma serenidade de olhar e de uma delicadeza de luz que, por vezes, nos recordam os grandes clássicos da pintura flamenga, ou os grandes cineastas do rigor e da exemplaridade moral. Um belo filme.

Quanto a Peter Weir ele é australiano e pertence a uma geração de cineastas daquele país revelados durante meados da década de 70, e que impuseram internacionalmente esta cinematografia, sendo depois, de certa forma, assimilados pela produção norte-americana (vejam-se os casos de Bruce Beresford, George Miller, Fred Schepisi, para além do próprio Peter Weir).

Na verdade, no início da década de 70, o governo australiano resolveu investir abertamente na criação e desenvolvimento de uma produção cinematográfica autónoma e representativa dos valores culturais do país. Surgiram organismos oficiais que se encarregaram de tornar real esta intenção, como a “Australian Film Development Corporation” (AFDC) e a “Australian Film Commission” (AFC), esta com maiores preocupações culturais e estéticas. Apareceu assim uma vaga de obras dirigidas por jovens talentos, que deram uma imagem de vigor e originalidade e permitiram que se comesse a falar, a partir de 1975, de um “New Australian Cinema” (novo cinema australiano), com filmes bem cotados internacionalmente, de autores como Peter Weir (“Picnic at Hanging Rock”, 1975), Fred Schepisi (“The Chant of Jimmie Blacksmith”, 1978), George Miller (“Mad Max”, 1979), Gillian Armstrong (“My Brilliant Career”, 1979) ou Bruce Beresford (“Breaker Morant”, 1980). Todos eles cumpriram posteriormente carreiras de assinalável sucesso, tanto no seu país de origem, como na cinematografia norte americana.

Depois de chamar a atenção para a sua personalidade com obras como “Piquenique em Hanging Rock”, “A Última Vaga” e “Gallipoli”, Peter Weir, já na América, assina alguns filmes que o confirmam como um dos cineastas mais interessantes do cinema contemporâneo: “O Ano de Todos os Perigos”, “A Testemunha”, “A Costa do Mosquito” e, sobretudo, “O Clube dos Poetas Mortos”, um dos maiores êxitos da temporada de 1989, a que se seguiram ainda “Casamento por Conveniência” (1990), “Sem Medo de Viver” (1993), e outros dois grandes sucessos, “A Vida em Directo” (1998) e “Master and Commander” (2003), títulos que resumem muitas das obsessões deste cineasta - educação repressiva, liberdade individual, confronto de culturas, heróis obsessivos.

Lauro António





A TESTEMUNHA

Título original: Witness

Realização: Peter Weir (EUA, 1985); Argumento: William Kelley, Earl W. Wallace, Pamela Wallace; Música: Maurice Jarre; Fotografia (cor): John Seale; Montagem: Thom Noble; Casting: Dianne Crittenden; Design de produção: Stan Jolley; Decoração: John H. Anderson, Maquilhagem: Leland V. Crawford, Marie Delrusso, Michael Hancock, Bette Iverson; Direcção de produção: Ted Swanson; Assistentes de realização: Pamela M. Eilerson, David McGiffert; Departamento de arte: Carlos Acosta, Frank L. Brown, Craig Edgar, David Goldman, Robert Krume; Som: Cecelia Hall, Frank Howard, Alan L. Nineberg, Andrew Patterson, Bruce Richardson, Fred Stafford, Richard Stone, George Watters II; Efeitos especiais: Charles E. Dolan, John R. Elliott; Produção: David Bombyk, Edward S. Feldman, Wendy Weir; Companhias de produção: Paramount Pictures, Edward S. Feldman Production; Intérpretes: Harrison Ford (Capt. John Book), Kelly McGillis (Rachel Lapp), Josef Sommer (Chefe Paul Schaeffer), Lukas Haas (Samuel Lapp), Jan Rubes (Eli Lapp), Alexander Godunov (Daniel Hochleitner), Danny Glover (Ten. James McFee), Brent Jennings (Sargt. Elden Carter), Patti LuPone (Elaine), Angus MacInnes, Frederick Rolf, Viggo Mortensen, John Garson, Beverly May, Ed Crowley, Timothy Carhart ylvia Kauders, Marian Swan, Maria Bradley, Rozwill Young, Paul S. Nuss, Emily Mary Haas, Fred Steinharter, John D. King, Paul Goss, Annemarie Vallerio, Bruce E. Camburn, William Francis, Tom Kennedy, Ardyth Kaiser, Thomas

Quinn, Eugene Dooley, Victoria Scott D'Angelo, Richard Chaves, Tim Moyer, Nino Del Buono, James Frank Clark, Joseph Kelly, Norman Carter, Craig Clement, Robert Earl Jones, Michael Levering, Cara Giallanza, Anthony Dean Rubes, Bernie Styles, Blossom Terry, Jennifer Mancuso, etc. Duração: 112 minutos; Distribuição em Portugal (DVD): Lusomundo Audiovisuais / Paramount; Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 29 de Agosto de 1985.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“A Mulher Falcão” de Richard Donner / 1985